

CLÁUSULAS SEM NÚCLEO EM PORTUGUÊS

desgarramento ou insubordinação?

CONSELHO EDITORIAL

André Costa e Silva

Cecilia Consolo

Dijon de Moraes

Jarbas Vargas Nascimento

Luis Barbosa Cortez

Marco Aurélio Cremasco

Rogério Lerner

VIOLETA VIRGINIA RODRIGUES

CLÁUSULAS SEM NÚCLEO
EM PORTUGUÊS
desgarramento ou insubordinação?

2021

Cláusulas sem núcleo em português: desgarramento ou insubordinação?

© 2021 Violeta Virginia Rodrigues
Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Produção editorial Aline Fernandes

Diagramação e capa Laércio Flenic

Revisão de texto Samira Panini

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed.
do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa,
Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer
meios, sem autorização escrita da Editora.

Todos os direitos reservados pela Editora
Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Cláusulas sem núcleo em português: desgarramento
ou insubordinação? / Violeta Virginia Rodrigues --
São Paulo: Blucher, 2021.
80p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5550-054-7 (impresso)

ISBN 978-65-5550-055-4 (eletrônico)

Open Access

1. Linguística 2. Língua portuguesa I. Título

21-0405

CDD 410

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística



Uma homenagem à Maria Beatriz Nascimento Decat

À minha Mãe! Exemplo de tudo. Muita sabedoria!

À Fatima e ao Waltinho, sem vocês nada disso
teria sido possível. Muita gratidão!

À Elenice, minha inspiração. Sempre!

Ao Joaquim, que sempre está ao meu lado! Muito Amor!

BREVE APRESENTAÇÃO DO LIVRO

Com base nos resultados de trabalhos desenvolvidos no âmbito do grupo de pesquisa *Usos de Conectores e Articulação de Cláusulas*, pretendo discutir se o fenômeno de cláusulas sem núcleo e que constituem uma única unidade de informação são casos de desgarramento ou de insubordinação na Língua Portuguesa (cf. DECAT, 1999, 2001, 2011; RODRIGUES, 2011, 2019; STASSI-SÉ, 2012; SILVESTRE, RODRIGUES, 2014; RODRIGUES, SILVESTRE, 2017, sobre desgarramento; EVANS, 2007; MITHUN, 2008; VERSTRAETE, D'HERTEFELT, VAN LINDEN, 2012; CRISTOFARO, 2016; HIRATA-VALE, 2018, sobre insubordinação). São consideradas desgarradas as cláusulas que constituem por si mesmas unidades de informação à parte e insubordinadas aquelas que são empregadas como independentes. Para alcançar tal objetivo, adoto como suporte teórico o funcionalismo clássico em diálogo com outras perspectivas analíticas, quando necessário. Os *corpora* são diversos – ora são utilizados dados do *Facebook*, ora dos trabalhos que serão revisitados – a fim de retratar a língua em uso. Embora pelo Sumário se visualizem vários itens, a organização do livro engloba quatro grandes eixos: o primeiro envolvendo os dois primeiros itens do *Sumário* e que dizem respeito à apresentação do fenômeno do desgarramento e à abordagem dada a ele pela precursora dos

estudos desse fenômeno no Brasil, Decat (1999, 2011). O segundo, envolvendo do terceiro ao sexto item, em que apresento os trabalhos realizados sobre o fenômeno no âmbito do grupo de pesquisa *Usos de Conectores e Articulação de Cláusulas*, desenvolvido na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O terceiro, constituído do sétimo ao nono item, em que se aborda uma outra maneira de tratar o fenômeno de orações desvinculadas sintaticamente de suas principais – a insubordinação. O quarto e último eixo, referente ao décimo item, em que, à guisa de conclusão, respondo à pergunta título dado ao livro. No entanto, antes de começar a apresentar cada um dos itens do *Sumário*, farei um breve relato de como o envolvimento com o tema do desgarramento ocorreu. Para isso, pontuo alguns episódios extraídos de meu Memorial para Promoção a Professor Titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que foi avaliado no dia 19 de agosto de 2020. O conteúdo discriminado no *Sumário*, por sua vez, é fruto da Conferência proferida no dia 20 de agosto, que também fez parte do processo de avaliação para Promoção a Titular na mesma instituição.

FRAGMENTOS DE UM MEMORIAL

Como dito antes, as informações a serem explicitadas aqui integraram o Memorial para Promoção a Titular e recobriram o período de 2012 a 2019 de minhas atividades profissionais.

No período de agosto de 2012 a abril de 2013 consegui uma licença de seis meses para um estágio de pós-doutorado. Durante os seis meses de minha Residência Pós-Doutoral, sob supervisão da Professora Doutora Maria Beatriz Nascimento Decat, no âmbito do Projeto de pesquisa *Gramática e interação*, desenvolvido pela docente no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin) da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), desenvolvi o Projeto *A expressão da comparação de igualdade em Português*.

O foco desse Projeto era descrever o(s) uso(s) de conectores comparativos na língua escrita do Português Brasileiro. Assim, adotando o Funcionalismo Clássico e a Linguística Textual como aportes teóricos, analisaram-se os conectores que introduzem as orações comparativas em Língua Portuguesa, contrastando os usos previstos pela Gramática Tradicional e os usos produzidos pelos falantes em situações reais de interação. Nesse sentido, o item empregado para ligar uma oração à outra é um indicador da relação de comparação, assumindo, assim, um importante papel. Nesse Projeto, identificaram-se itens não conjuncionais

ligando orações e estabelecendo a relação comparativa, tais como *feito, igual, tipo e que nem*.

O *corpus* com o qual estava trabalhando para o desenvolvimento do Projeto *A expressão da comparação de igualdade em Português* era o dos roteiros de cinema e nele me chamou atenção o uso desgarrado de algumas dessas comparativas introduzidas por *como* e *que nem*. Surgiu, então, o interesse de pesquisar o tema das comparativas desgarradas. Embora o fenômeno do desgarramento tenha sido primeiramente abordado no Brasil por Beatriz Decat, que era minha supervisora de pós-doutorado, e eu já conhecesse seus trabalhos sobre o assunto, esse não foi o meu objetivo nesse período.

Terminado o estágio pós-doutoral, comecei a desenvolver meus primeiros trabalhos sobre o desgarramento, explorando um aspecto de análise diferente em relação ao da precursora do fenômeno no Brasil – o meu *corpus* e o tratamento dado a ele. Como a linguista adotou a noção de unidade informacional para caracterizar as desgarradas, valendo-se do conceito de Chafe (1980), minha investigação foi no sentido de verificar se realmente as desgarradas constituíam uma unidade informacional na fala, já que o *corpus* de Decat (1999, 2011) era de língua escrita. Como não havia tempo hábil de constituir um *corpus* de língua oral espontânea, os roteiros me permitiram dar um tratamento prosódico aos dados, porque além do texto escrito pelo roteirista tinha à minha disposição os filmes gravados e encenados no *site* www.roteirodecinema.com.br. Assim, coletava as desgarradas primeiramente na versão escrita dos roteiros e depois conferia se o ator na filmagem também fazia uma pausa ou dava uma entoação diferente à estrutura desgarrada para marcá-la. Para tanto, recortava a cláusula produzida e a submetia ao tratamento prosódico. Os dados fiéis aos roteiros foram retirados do *YouTube*, recortados no programa SOUND FORGE 7.0, salvos no formato mp3 e analisados no programa PRAAT, por meio do qual foram aferidos os valores da frequência fundamental (F0) e da duração das cláusulas, conforme ilustram as figuras a seguir.

Figura 1: Sintagma Entoacional “Espera a hora... Como um samurai”, produzido pelo personagem Ana do filme *Jogo subterrâneo*.

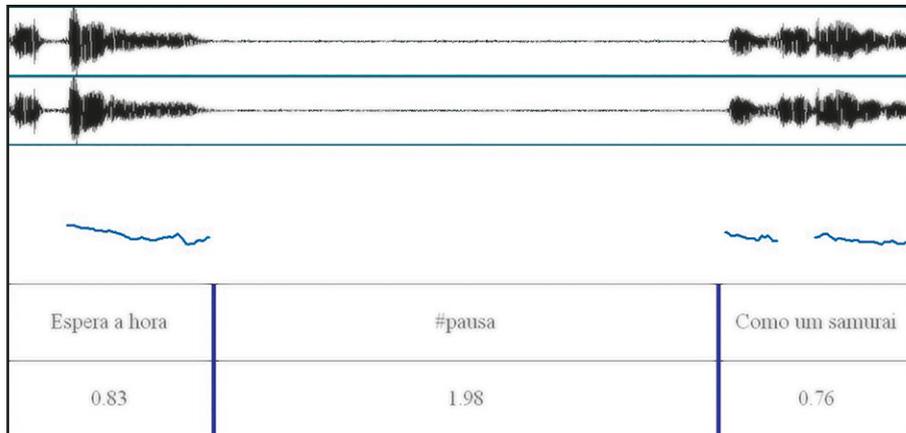
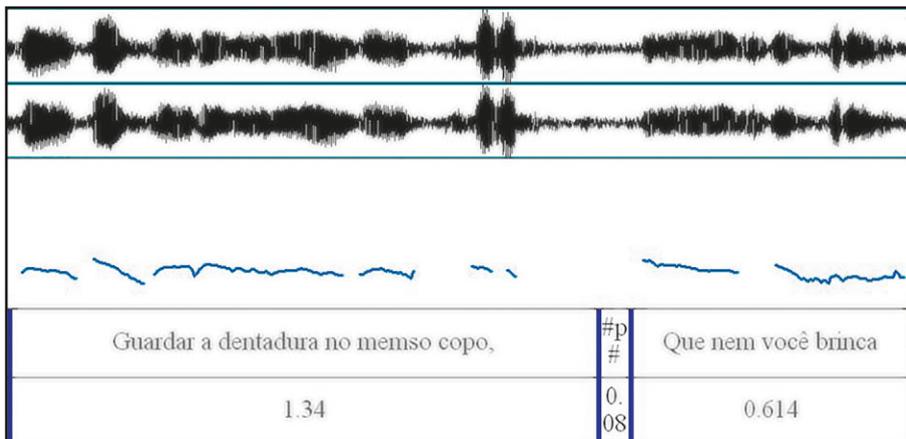


Figura 2: Sintagma Entoacional “Guardar a dentadura no mesmo copo” e Sintagma Entoacional “Que nem você brinca”, produzidos pelo personagem Bia do filme *As melhores coisas do mundo*.



A essa altura estávamos em 2014 e já fazia parte do meu grupo de pesquisa a orientanda Aline Ponciano, que tinha muita experiência com o PRAAT e que muito me ajudou nessa empreitada. Inclusive, a partir daí fizemos alguns trabalhos juntas, sempre na interface sintaxe/prosódia. Foi um período muito profícuo e que determinou a investigação da tese dessa orientanda, atualmente minha colega de Setor, o que muito me orgulha.

Embora já estivesse trabalhando com o tema do desgarramento desde 2011, mas de maneira ainda muito tímida, após o estágio pós-doutoral de 2012-2013, a investigação desse fenômeno tornou-se uma constante em minha vida acadêmica, seja em apresentações em congressos, aulas na pós-graduação, orientações de dissertações e teses. A seguir enumero alguns desses trabalhos e as orientações sobre o tema.

TRABALHOS

1. Desgarramento das comparativas introduzidas por *que nem*. **Guavira Letras:** Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras / Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Graduação e Pós-Graduação em Letras. – v. 12, n. 1, 2011.
2. Desgarramento de cláusulas comparativas e a interface sintaxe-prosódia. **Anais da XXV Jornada Nacional do GELNE.** Campus Lagoa Nova - Natal - RN: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - EDUFRN, 2014. (coautoria).
3. Desgarramento: um novo olhar. *In:* ARENA, Ana Beatriz *et alii* (org.). I CCO, 2016, Niterói/RJ. **Anais do I Seminário do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações.** p. 217-237. Niterói: Letras/UFF, 2017. Disponível em: https://uffcco.files.wordpress.com/2017/12/anais-do-i-seminc3a1rio-do-cco_publicac3a7c3a3o-com-isbn.pdf (coautoria).
4. O desgarramento de orações adverbiais nos roteiros de cinema. **Descrição e ensino de Língua Portuguesa:** temas contemporâneos. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2018. (coautoria).
5. A Estrutura Argumental Preferida de Cláusulas Hipotáticas Circunstanciais Temporais desgarradas em “memes quando”. **Gragoatá,** Niterói, v. 23, n. 46, p. 518-543, maio-ago. 2018. (coautoria).
6. Adjetivas explicativas e o desgarramento em sala de aula. **Pesquisas em sintaxe e sua aplicação em sala de aula.** Rio de Janeiro: Editorarte, 2018. (coautoria)
7. O desgarramento de orações completivas no Facebook. **Anais do II Seminário do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações.** Niterói: Letras/UFF, 2019.

ORIENTAÇÕES

1. Karine Oliveira Bastos. **Desgarramento de advérbias reduzidas de gerúndio**. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2013.
2. Karen Pereira Fernandes de Souza. **Orações relativas apositivas “desgarradas” em jornais dos séculos XIX e XX**. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2014.
3. Andressa Matheus Fontes. **“Desgarramento” de orações advérbias em roteiros de cinema**. Iniciação científica. Graduação em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2016.
4. Aline Ponciano dos Santos Silvestre. **“Se eu pudesse e se o meu dinheiro desse...”**: prosódia e desgarramento no PB e no PE. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2017.
5. Gabriela do Couto Baroni. **Insubordinação de cláusulas volitivas em português brasileiro: uma abordagem funcionalista**. Doutorado em Letras, Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), 2017. Em andamento.
6. Paula Rhaquel Silva Souza da Fonseca. **Desgarramento de cláusulas hipotáticas circunstanciais no Facebook**. Monografia de Final de Curso de Graduação em Letras - Português - Inglês, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2019.
7. Gabriel Santos da Silveira. **O “desgarramento” de cláusulas hipotáticas no Facebook**. Iniciação científica. Graduação em Letras Português – Alemão, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2019.
8. David Novaes Cidade. **Desgarramento de cláusulas hipotáticas em redações de vestibulandos**. Iniciação científica. Graduação em Letras Português – Alemão, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2019.

9. Rachel de Carvalho Pinto Escobar. **Desgarramento de cláusulas introduzidas pelo conector PARA**. Doutorado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2019. Em andamento.

10. Gustavo Benevenuti Machado. **“Desgarramento” de cláusulas introduzidas por ONDE em Português**. Doutorado em Letras Vernáculas – Língua Portuguesa: Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2019. Em andamento.

Em 2019, surge a oportunidade de fazer outro estágio pós-doutoral e, por conta desse breve histórico anteriormente relatado, o escolho fazer novamente sob a supervisão da Professora Beatriz Decat e agora sobre o tema do desgarramento. E não podia ser diferente por conta de todo o relato anterior...

O Projeto intitulou-se *Desgarramento, pontuação e ensino*. Partindo da premissa de que todas as relações sintáticas em uma língua têm relevância semântica e estão fundamentadas nos contextos linguísticos e extralinguísticos em que são usadas, conforme atesta Bybee (2010, p. 125), pretendia, com este estudo, refinar a descrição das cláusulas *desgarradas* em uso no Português.

Como a pontuação é um dos principais índices do fenômeno na língua escrita (cf. DECAT, 1999; 2011) e parto do pressuposto de que o escrito não é só produto, mas também é produção, não adotei a perspectiva normativa de que estaria diante de “erros” de pontuação no caso dos usos das cláusulas *desgarradas*, já que levo em conta que a língua é sempre afetada pelo uso e pelo impacto que essa experiência tem sobre o sistema cognitivo (cf. BYBEE, 2010).

Com base em Decat (1999, 2011), ratifico que há cláusulas circunstanciais *desgarradas*, relativas apositivas *desgarradas* e completivas *desgarradas*, podendo estas ainda ser inerentemente pragmáticas, contextuais e cotextuais, conforme postulam Rodrigues e Silvestre (2017), em descrição complementar à de Decat (1999, 2011).

A hipótese que se almejava comprovar por meio de *corpora* compostos por *sites* de rede social era a de que há uma tendência de as completivas serem inerentemente pragmáticas e de as relativas apositivas serem cotextuais. Já as circunstanciais podem se materializar na forma inerentemente pragmática, contextual ou cotextual.

A perspectiva teórica em que se apoia o Projeto *Desgarramento, pontuação e ensino* é a funcionalista. Além de Bybee (2010), adotou-se Chafe (1980),

Dik (1997), Decat (1999, 2011), Silvestre; Rodrigues (2014), Rodrigues; Silvestre (2017), Rodrigues; Fontes (2018) sobre *desgarramento*; utilizaram-se estudos de Souza (2009, 2010) sobre cláusulas relativas; Dahlet (2006), Tenani (2008), Soncin; Tenani (2015) sobre pontuação e as gramáticas normativas de Góis (1943) e Cunha; Cintra (1985). Além disso, recorreu-se também ao trabalho de Araújo e Leffa (2016), autores que abordam a linguagem das redes sociais, tendo em vista que o *corpus* analisado foi o do *Facebook*.

Nesse segundo pós-doutorado consegui organizar um livro que conta com os resultados das investigações realizadas por meus orientandos sobre o fenômeno e se intitula **Desgarramento de cláusulas em português: usos e descrição**. Nele tenho dois capítulos, *Cláusulas desgarradas e seu(s) uso(s)* e, em parceria com a orientanda Paula Rhaquel Silva Souza da Fonseca, *Desgarramento de cláusulas hipotáticas circunstanciais no Facebook*.

O relato anterior elucidada, conforme antes anunciado, como se deu o início de meu envolvimento com o tema do desgarramento até os dias atuais. Em sequência, explicitarei o histórico de minha pesquisa sobre o tema desde os primeiros trabalhos até hoje.

SUMÁRIO

1. PARA COMEÇO DE CONVERSA.....	19
2. DESGARRAMENTO: PALAVRAS INICIAIS	23
3. OUTROS TRABALHOS SOBRE DESGARRAMENTO	29
4. DESGARRADAS PROTOTÍPICAS E NÃO PROTOTÍPICAS	35
5. O CASO DAS COMPLETIVAS	41
6. DESGARRAMENTO INERENTEMENTE PRAGMÁTICO, CONTEXTUAL E COTEXTUAL	51
7. INSUBORDINAÇÃO	57
8. DESGARRAMENTO <i>VERSUS</i> INSUBORDINAÇÃO	61
9. Plicação das análises antes mostradas	65
REFERÊNCIAS.....	73

